

TERRITÓRIO, RELIGIÃO E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DO FILME *GUERRA DE CANUDOS*ⁱ

*Márcia Regina da Silva*¹

¹USP/ESALQ - Departamento de Economia Administração e Sociologia. Rua Pádua Dias, 11 – LES/ESALQ/USP, Piracicaba, SP. E-mail: mrsilva@esalq.usp.br

Resumo - Este artigo apresenta uma análise do filme *Guerra de Canudos*, dirigido por Sérgio Rezende¹. O referencial teórico utilizado na discussão advém das áreas de Antropologia e Etologia. O filme é baseado em um acontecimento histórico ocorrido no final do século XIX, no sertão da Bahia. Apresenta a epopéia sertaneja de Canudos, e a trajetória da vida de seu líder messiânico, o beato Antônio Conselheiro, vista sob a ótica de uma família sertaneja. Um dos aspectos fortes é a expressão, pelos membros dessa família, de diferentes pontos de vista sobre Conselheiro. De caráter social, político e religioso, os episódios relatados retratam uma vigorosa denúncia das atrocidades cometidas pelo exército brasileiro contra centenas de crianças, mulheres e homens na última batalha de Canudos. O enredo destaca elementos, como a defesa do território, a bravura, o fanatismo religioso e a política, estreitamente ligados ao tema da agressão.

Palavras-chave: comportamento agressivo, território, religião.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

No ano de 1893, com a forte seca que castigou o semi-árido, agrava-se a pobreza na região. Famílias que viviam no campo se deparam com o descaso por parte do governo brasileiro. Momento histórico de instalação da República no Brasil, no qual há um aumento nos impostos, cujas taxas cobradas aos pequenos produtores eram exorbitantes.

É nesse contexto histórico, de mudanças políticas, fim da Monarquia e início da República, com os seus ideais de progresso, e com as contradições de uma sociedade de classes, que se inicia a narrativa.

Vale ressaltar que diferentes áreas do conhecimento estudam o comportamento agressivo nos humanos, a exemplo da Antropologia e da Etologia. Segundo Johnson (1979), uma das dificuldades com muitas teorias da agressão é que os seus proponentes tendem a se concentrar em sua própria disciplina e ignorar contribuições das disciplinas vizinhas.

Neste trabalho não temos a intenção de entrar no mérito teórico que embasa essa discussão e, sim, de considerar os conhecimentos da Antropologia e da Etologia para fundamentar a análise dos elementos relativos ao comportamento agressivo identificados no filme. É importante também ressaltar que a literatura sobre Canudos é

ampla e controversa. Neste trabalho, a contextualização histórica é realizada no sentido de melhor compreender a temática.

Parte-se do entendimento “[...] que a guerra não é uma característica regular e previsível da vida humana. Fatores culturais afetam o nível de violência de qualquer sociedade” (WINSTON, 2006, p. 284). De acordo o autor existe nos humanos uma variável biológica universal, mas isso não significa que a biologia condena a humanidade à guerra, pois a nossa espécie é também cooperativa, altruísta e sociável.

Nessa direção, Winston (2006), considera que nossas vidas pessoal e social são governadas por um constante fluxo de forças culturais – políticas, educacionais, sociais e econômicas –, porém isso não significa que a explicação genética deva ser descartada, ou seja, não se pode desprezar a contribuição de diferentes ciências para explicar o comportamento violento, seja das ciências humanas ou das ciências biológicas.

Materiais e Métodos

O estudo foi conduzido com base na análise do filme: *Guerra de Canudos* e em pesquisas bibliográficas. O referencial teórico que orienta o trabalho advém das áreas da Antropologia e da Etologia.

¹ *GUERRA DE CANUDOS*. Brasil - 1997 - Épico - Colorido - 165 minutos. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Mariza Leão e José Wilker. Roteiro: Sérgio Rezende e Paulo Halm. Direção de fotografia: Antônio Luís Soares. Música: Edu Lobo.

Resultados

No núcleo central do filme, a família Lucena é composta por cinco membros: o pai José Lucena; a mãe Tonha; duas filhas, Luíza, a mais velha, Tereza, a mais nova, e Toinho, o filho do meio. Luíza, a protagonista, desde as primeiras cenas imprime o seu temperamento forte.

A família Lucena, um exemplo do modelo patriarcal, tem sua base de produção assentada numa estrutura rural. No filme, a ausência de pagamento dos impostos faz os Lucena perderem os seus bens para o Estado. O pai tenta reagir e defender os poucos recursos que detém. Mas acaba sendo agredido fisicamente por soldados, na frente dos seus familiares.

Para Clastres (1980), “o domínio do território permite à comunidade realizar o seu ideal autárquico garantindo-lhe a auto-suficiência em recursos alimentares”. No modo de produção doméstica são raros os casos de violência. Quando ela ocorre, está quase sempre associada ao domínio pelo território, podendo ser considerada uma agressão defensiva.

Logo, o conflito inicial que desencadeia a narrativa revela a fragilidade do cidadão de origem humilde diante de um poder político e econômico estabelecido de cima para baixo. Autores como Lorenz (1979) observam a importância prática da divisão e defesa do espaço vital como um fator que poderá conduzir uma sociedade à guerra.

Ao considerar a história do Nordeste e do sertão desde o início da colônia, é necessário levar em conta as grandes contradições econômicas, sociais e políticas que o país viveu, com o desenvolvimento da produção de café nas regiões Sudeste e Sul, o estancamento definitivo de escravos africanos em 1850 e a crise do setor açucareiro nordestino. É possível chegar à conclusão da existência de uma contradição que começa a se desenvolver entre o Norte e o Sul do Brasil ao longo da história.

Na cena em que a família é convidada a seguir Conselheiro, o pai, na esperança de uma “*vida melhor*”, entrega o destino da sua família nas mãos de um ser maior, que irá conduzi-los ao rumo certo. Luíza, ao ver a expressão estranha no rosto de seu pai, recusa-se a segui-lo. Cria-se um conflito, uma situação de ruptura dos laços da unidade familiar. A moça questiona a santidade atribuída ao “*Pelegrino*” e demonstra a sua antipatia pelo “*Beato*”.

Com a adesão de sua família ao movimento, Luíza segue para a cidade, onde passa a se prostituir. Em seguida, Luíza conhece o soldado Arimatéia, que se apaixona por ela, lhe propõe casamento e a retira da prostituição.

Em cenas posteriores, é possível observar que, na família Lucena, quando se menciona o nome de Luíza, o pai demonstra desprezo, chegando a

dizer: “*para mim Luíza morreu*”. É possível também verificar o forte viés do modelo patriarcal: a filha passa a ser considerada uma estranha no momento em que desobedece à vontade do pai, quem decide pela vida de todos os membros da célula familiar.

Para Franco (1997), o padrão de organização da família brasileira vigente até os fins do século XIX tendeu para o modelo patriarcal. A continuidade e o funcionamento regular das associações estabelecidas com os alicerces desse modelo foram garantidos por um princípio de dominação, expresso pela sujeição dos jovens aos mais velhos e pela obediência de uma convenção que regulamentava a conduta. De modo coerente com essas normas, em sua estrutura estavam claramente definidas as posições, os papéis e as linhas de autoridade, hierarquizadas as distâncias sociais e formalizadas as relações dos seus membros.

Território, religião e política

Diante do quadro de perda dos seus bens, os Lucena mantêm o primeiro contato com Antônio Conselheiro, que encontrou muitos adeptos em sua peregrinação pelos sertões nordestinos. A família, em um momento de instabilidade financeira, sente-se injustiçada, projetando em Conselheiro e nas palavras de Deus uma esperança de dias melhores. De acordo com Franco (1997), a religiosidade é de suma importância na cultura rural.

A figura de líder espiritual, de Conselheiro, é encontrada em sociedades humanas primitivas. Conforme Clastres (1980), nessas sociedades, o chefe é quem está encarregado de falar em nome da comunidade: no seu discurso, ele não exprime nunca a fantasia e o desejo individual ou a regra da sua lei privada, mas apenas o desejo sociológico da comunidade se manter indivisa e o texto de uma lei que ninguém fixou, visto que não decorre de decisão humana.

O autor destaca também que o legislador é o fundador da sociedade, são os antepassados míticos, os heróis culturais, os deuses que lhe atribui esse poder. É dessa lei que o chefe se apresenta como porta-voz: a substância do seu discurso contém sempre a referência à lei ancestral que ninguém pode transgredir a exemplo de Conselheiro que se dizia um enviado divino.

Ao longo do filme, verifica-se que o discurso desse líder tem uma forte conotação política, no qual ele estabelece a sua simpatia pelo regime monárquico e seu inconformismo com o regime republicano, recém-criado no Brasil, fazendo associações entre a política e a religião. A república é considerada um “*anticristo*”, que fará a população trabalhar para o governo; um regime de escravidão que não respeita ninguém.

Em 1892, é fundado em Canudos o Império de Belo Monte, nome que faz alusão à monarquia. O

perfil profético de Antônio Conselheiro conquista a fé de muitos sertanejos e, em pouco tempo, o povoado cresce e abriga cerca de vinte mil habitantes, vindos de diferentes estados do Nordeste.

Verifica-se no filme a rotina das orações, um culto permanente de rezas e ladainhas a Deus. No discurso religioso de Conselheiro, temas especificamente políticos são abordados a partir da "esfera do sagrado".

Em seu discurso há uma associação entre a teologia, a ética e a cosmovisão. Não há nada a ser questionado nem debatido, mas somente o que deve ser aceito. Apesar disso, é possível observar uma rebeldia contra o estado de coisas daquela época, mas ele não propõe novos padrões e, sim, uma revitalização dos antigos usos e costumes, bem como a restauração do regime político anterior, a monarquia.

Esse movimento sócio-religioso passa, então, a ser visto como uma ameaça ao novo regime e o governo federal decide atacar Canudos. As duas primeiras expedições são derrotadas antes de chegarem ao povoado.

A terceira expedição para combater em Canudos contou com cerca de 1.300 soldados, comandados pelo coronel Moreira César, conhecido como "o Corta-Cabeça", denominação que descreve o fim das suas vítimas de guerra.

Nessa mesma direção, a análise do filme "Nascido para Matar" (Stanley Kubrick), realizada por Queiroz (1998), menciona procedimentos realizados pelo exército norte-americano que submetem os recrutas a um rito de passagem que "os transformam" em homens fortes, cujo objetivo principal é matar. Eles são disciplinados a se afastarem de princípios e valores humanitários.

No filme *Guerra de Canudos* fica expresso que os seguidores de Conselheiro entram em guerra não só em defesa das suas crenças, como também em defesa do seu território, das suas casas e das suas famílias. Contudo, fica claro que aquela população vivia na ignorância política, fato que facilitava a liderança de Conselheiro e a construção de um pensamento coletivo.

De acordo com Megargee & Hokanson (1976), quando os seres humanos são incitados à guerra podem ter um grande número de motivos para aceitar isso, alguns nobres e outros baixos; alguns dos quais falam abertamente e outros sobre os quais se calam. Os autores acrescentam que o desejo de agressão e destruição certamente está entre eles.

Na cena em que Tereza lembra da irmã Luíza, fica clara a desinformação da população em relação ao regime político instalado no país e os motivos pelos quais os sertanejos estão em guerra. A menina pergunta ao pai se "foi a República quem levou sua irmã embora". Conforme Lorenz (1979), estamos habituados a

submeter-nos à sabedoria política dos nossos dirigentes e a maior parte de nós não repara de modo nenhum o quanto o comportamento das massas humanas, no discurso da História, é estúpida, repugnante e indesejável.

Em 1987, mais uma vez, o exército é derrotado pelos sertanejos. Esses últimos, armados, escondem-se atrás de arbustos secos e confundem-se com a paisagem que lhes era conhecida. Uma espécie de "mimetismo" permite a camuflagem com o ambiente quase sem vida, que muito se assemelhava aos sertanejos.

Canudos foi uma "guerra de guerrilhas". A falta de estratégia no ataque leva as tropas do coronel "Corta-Cabeça" a uma derrota violenta e sanguinária, na qual parte dos sertanejos faz uma exposição das cabeças dos soldados mortos, em retaliação ao coronel Moreira César, que morre após ser ferido no combate.

Essa cena, examinada de forma crítica, apresenta a dicotomia civilização-barbárie através da análise da "degola". Até recentemente, acreditava-se que apenas os seres humanos usavam violência organizada contra a própria espécie. Estudos de comportamento animal pareciam reforçar essa tese (WINSTON, 2006). Contudo, pesquisas realizadas por Goodall (1991) com chimpanzés na Tanzânia, na década de 1960, mostraram que um grupo original de chimpanzés se dividiu em dois, cada um em seu próprio território. Conforme as personalidades dominantes se ligavam a cada grupo, o restante dos chimpanzés era forçado a escolher um dos lados. Logo depois da divisão, uma verificação chocou a equipe de observadores: o assassinato de indivíduos por grupos rivais.

O filme apresenta a disputa por um território inóspito e que certamente pouco representava para o Estado brasileiro. Para Corrêa (1994), o território significava não só as condições de trabalho, mas a própria condição de existência de uma sociedade, definindo-se pela propriedade, isto é, uma área dominada por alguém ou pelo Estado. Assim, a importância de Canudos para os seus habitantes estava relacionada à sua própria reprodução. Wilson (1987, p. 253) "destaca diferentes fatores que estimulam o comportamento agressivo entre os animais, a exemplo da defesa territorial e a expansão dos seus limites". Também entre os humanos, o território está estreitamente ligado às relações de poder. Assim, todo território é resultado de um processo de apropriação de uma dada porção espacial por um grupo social.

No filme o exército é denominado pelos sertanejos de "mundiça", termo pejorativo atribuído àqueles que não respeitam os territórios alheios; arruaceiros, perturbadores da paz. Enquanto os sertanejos são vistos pelos inimigos como seres humanos miseráveis, que não respeitam a ordem estabelecida pelo Estado brasileiro. Para Johnson

apud Queiroz (1998), “a matança se torna mais fácil para os seres humanos se o adversário é primeiro desumanizado”. Queiroz (1998) acrescenta que “é mais fácil matar quando se está convencido de que o inimigo é subumano ou de certa forma fundamentalmente mau ou dispensável”.

Na expedição chefiada pelo general Artur Oscar (conhecida como o “quarto fogo”) seguiu para Canudos cerca de seis mil soldados. Logo que chega à região, tropa sofre inesperadas derrotas. Observa-se que as condições inóspitas, a falta de alimentos e de água de ambos os lados se constitui no maior desafio da guerra.

O governo brasileiro pede a destruição total de Canudos e, em 6 de setembro, a igreja, símbolo da soberania e da fé do povoado, é destruída. A morte de Conselheiro enfraquece ainda mais os sertanejos. O quarto combate chega ao fim após um ano de guerra, com poucos sobreviventes.

Euclides da Cunha (1984), em sua obra “Os sertões”, menciona que “Canudos não se rendeu, exemplo único em toda a história, pois resistiu até ao esgotamento completo”. Os registros históricos contabilizam, ao todo, vinte mil sertanejos e cinco mil soldados mortos na guerra.

Ao longo da trama, é possível observar elementos do comportamento altruísta por parte de Luíza, cujos cuidados em defesa da irmã mais nova fazem com que ela arrisque a própria vida.

Para salvar a sua vida e a da sua irmã, Luíza renuncia ao amor de Luís, matando-o. Na cena final, a moça relembra das palavras de Luís defendendo a República e reavaliando o fato dele quase a ter matado. Parte, então, com a irmã Tereza, sem destino certo, deixando para trás as ruínas de Canudos.

Conclusão

A Guerra de Canudos, ocorrida nos primeiros tempos da República, mostra o descaso dos governantes com relação aos problemas sociais do Brasil. Indo além dos rótulos de “beatos” e “fanáticos”, os sertanejos que partiram para Canudos são exemplos de excluídos do sistema econômico vigente.

O filme apresenta aspectos de uma cultura pautada em valores que divergiam dos valores da sociedade de classes da época. Neste a introdução da família Lucena no movimento se deu após terem perdido os seus bens para o Estado republicano. O enredo também sugere a ignorância da população associada ao desejo de construir um modo de vida mais justo. O movimento busca se afirmar enquanto recusa a ordem social vigente.

A figura de Antônio Conselheiro como líder principal, responsável junto aos grupos pela direção e organização da produção religiosa,

mostra o forte viés religioso da cultura sertaneja, que é amplamente difundida por meio do movimento regionalista.

As atrocidades dessa guerra civil foram escondidas pelo Estado brasileiro e o movimento, visto como uma ameaça à ordem social e política do país.

A maioria da literatura sobre Canudos preserva a visão euclidiana, ou seja, uma pressuposição de que os sertanejos se recusavam a aceitar a República porque temiam o progresso. Por outro lado, os idealizadores do Partido Comunista Brasileiro tentaram enxergar em Canudos o resultado da “mobilização de camponeses conscientes”, o primeiro exemplo de uma situação de conflito e luta de classes.

Referências

- CLASTRES, P. “Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas”. In: **Guerra, Religião e Poder**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 9-47.
- CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, ANPUR, 1994. 332p.
- CUNHA, E. da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.
- FRANCO, M. S. C. “O código do Sertão”. In: **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.21-43.
- GOODALL, J. “A guerra”. In: **Uma Janela para a Vida: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia**. RJ: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 105-123.
- JOHNSON, R. N. “O conceito de agressão”. In: **Agressão nos Homens e nos Animais**. RJ, Interamericana, 1979, p. 1-33.
- LORENZ, K. “Ecce Homo”. In: **A Agressão: uma história natural do mal**. Lisboa: Moraes Editores, 1979, p. 245-279.
- MAGARGEE, E. I.; HOKANSON, J. E. (Org.) A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações. Trad. Dante M. Leite. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- QUEIROZ, R. S. Nascemos para matar? Notas sobre o comportamento agressivo. **Revista de Etologia**, (n. especial), 1998, p. 86-96.
- WILSON, E. O. “Agression”. In: **La Sociobiologie**. Paris: L'Esprit et la Matière/Le Rocher, 1987, p. 255-274.
- WINSTON, R. **Instinto humano**. Tradução: Mário M. Ribeiro e Sheila Mazzolenis. São Paulo: Globo, 2006, p. 271-235.

ⁱ Trabalho apresentado na disciplina - Agressão: Biologia e Cultura. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada – ESALQ/USP.